

na edição da MENSAGEM (1934)

A' margem dos livros

MENSAGEM — Poema de Fernando Pessoa
(Ed. da Parceria António Maria Pereira)

Vates, vatis — profeta, adivinho, homem eminente em qualquer ciência ou arte, na lingua harmoniosa e firme de Cicero e Horácio — eis o que se revelou em Mensagem, o seu autor, Fernando Pessoa.

E tanto assim é que o seu livro exige para perfeita, profunda compreensão uma exegese arguta, apoiada sólidamente no manuseio diário e íntimo da simbologia universal. Isto quanto ao conteúdo abstracto que a forma encerra, porque a fé, a crença, o querer ser que nos inspira — isso só Deus o dá, se o merecermos.

Poema de antecipação, a Mensagem veio numa hora calma, na vespera enganadoramente tranquila de um dia torvo e baço, em que há de surgir Aquele por Quem se espera.

Por isso a sua letra só brilhará, total, e ofuscará, esplendente, na hora própria.

Poetas da natureza de Fernando Pessoa são sempre profundos, porque o seu pensar e o seu sentir sondam abismos de realidade ir-revelada.

Porém, essa profundidade tem zonas distintas, várias espécies de profundidade, acessíveis, mais ao menos, aos olhos do espectador atento, consoante a sua constituição optica.

Por isso a autentica poesia, (gê-nese e forma) é um mistério que

só se dá a quem o desvenda. Como a graça, devemos merecê-la: é um dom.

Ora, é sobre uma dessas zonas de profundidade, onde a luz não é, de todo, ainda ausente, que vou fazer incidir a minha atenção e transmitir o que se vê nessas paragens.

Além do aspecto transcendental do Poema de Fernando Pessoa, que constitui o substractum metafísico do passado e do porvir da raça lusitana, há outro que pertence, exclusivamente, ao domínio da história literária e que compete ao crítico apreciar: a questão formal.

Fernando Pessoa criou um novo classissismo, ou antes ressuscitou o sentido tradicional da nossa poesia, desconstruído depois de Garrett. A forma arcaica porque as epopeias o são sempre, mas rejuvenescida, em que o Poeta moldou a sua Mensagem é um novo elo que vem estabelecer, no nosso tempo, a continuidade perdida da corrente poética nacional.

Fernando Pessoa apareceu, formalmente, para ocupar um espaço vazio na história da nossa poesia.

Não me engano, por certo, se disser que Fernando Pessoa veio inaugurar uma época de renascimento formal, se conseguir congregar, sob a sua égide, espíritos bem fadados e independentes.

O seu poema é, sob este aspecto, um novo Lusíadas, um poema como escreveria Luiz de Camões se vivesse, em carne, nesta hora de esperança.

Mensagem devia constituir a Bíblia dos nossos futuros heróis, dos novos criadores do grande Portugal de um dia, do Portugal Senhor do Quinto Império.

EUGENIO NAVARRO



A VERDADE
26/1/1935

Crítica literária

«Mensagem» — Poemas de Fernando Pessoa.

Vestiu de galas a poesia portuguesa para receber este livro de Fernando Pessoa.

Esta obra obteve um segundo prémio no concurso da Propaganda. Apre! Muito bom deve ser o primeiro premiado para uma obra como esta poder ficar em segundo lugar!

O livro do sr. Fernando Pessoa não se limita a ser um bom livro de um bom poeta, é mais — e, muitas vezes, não é tanto — mas é sempre o livro de alguém profundamente inteligente e requintadamente artista.

Há ideias, pensamentos de tão bom quilate, tão profundos e tão brilhantes que, só por si, afirmavam um grande prosador, mas o autor, rico de talento, quis fundir numa

só forma o vôo da poesia e a profundidade da prosa.

São seria bastante para afirmar um grande poeta estes três versos do poema «D. Sebastião»?

— Sem a loucura o que é o homem mais que a besta sábia, cadaver addiado que procria?

A riqueza poética deste livro é tanta que, ainda que o seu autor nunca mais escrevesse um verso, o seu nome ficaria para sempre ligado á mais rica poesia portuguesa.

Outro poema de rara beleza é sem dúvida este — «D. Filipa de Lencastre» — tão pequeno e tão grande!

Que enigma havia no teu seio
Que só génios concebia?
Que arcanjo teus sonhos veio
Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério,
Princesa do Santo Graal,
Humano ventre do Império,
Madrinha de Portugal.

É quasi pecado falar do poeta ocupando o espaço em que, pondo os seus versos a cantar, ficaria feito o mais alto elogio da obra.

Para fazer um livro assim, não basta inspiração, não basta facilidade poética, musicalidade, ritmo — é preciso tudo isso e muito mais, aliar a riqueza do conceito á perfeição da forma, e estes versos, mesmo quando não são lindos, são belos.

Parece-me admirável este primeiro verso do poema, «Infante»:

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.»

Este poema «D. João Segundo», qual seria o poeta que o não assinaria orgulhosamente?

Seu formidável vulto solitário
Enche de estar presente o mar e o céu
E parece temer o mundo vário
Que lhe abra os braços e lhe rasgue o véu.

E é todo assim o belo livro de Fernando Pessoa embora todo ele seja apresentado como uma enfiada de milagres, mas isso é lá com ele e com Deus. Que protestem as almas dos marinheiros que para sempre ficaram sepultadas no Oceano, dos pioneiros que desbravaram a Africa inexplorada e só-



O DIABO
27/1/1935



bre cujos cadáveres fomos avançando passo a passo até que enfim «se cumpriu Portugal».

Por mim, limito-me a assinalar o aparecimento do livro de um alto espírito de uma inteligência brilhante, de um grande poeta que o será sempre, mesmo quando escrever em prosa.

Agora, escutemos o seu Quinto Império:

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa,
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz —
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.

A edição é da Parceria António Maria Pereira e é cuidada com gosto e elegância.

Alice Ogando